

para o campo do romance, inicia-se a exposição sobre Epicteto de uma forma muito próxima de um livro de apontamentos biográficos ("Falemos antes de Epicteto..." p. 45)

Em Epicteto, escravo filósofo, realça o autor essencialmente a sua vertente filosófica e, como tal, mais do que o envolver na temática da escravatura, dá a conhecer resumidamente os princípios estóicos que norteavam a sua vida. Enriquecedor se torna sem dúvida a apresentação destes princípios filosóficos para quem procurando informações sobre a escravatura toma também contacto com a filosofia estóica. Ainda que a avaliar pelo índice, nada orientasse o leitor nesse sentido dado o desprovimentos de títulos.

Com a escolha de Espártaco e Epicteto tem o leitor a oportunidade de tomar contacto com dois vultos marcados pelo mesmo vínculo da escravatura mas nitidamente afastados na forma como lutam e como se distinguem em Roma.

Completa é a visão que este volume nos proporciona sobre um acontecimento que, tendo projectado negativamente Roma para a modernidade, fizera dela palco para grandes realizações como foi ultimamente a estreia do filme "O Gladiador".

Fora este volume a história da humilhação humana e o reflexo de uma civilização que tinha o escravo como mera *res*. E se no volume *Catão Censor*, apesar de toda a dureza que o passar dos anos trouxe a Catão, se enaltecer a forma como "tratava afavelmente os que o serviam..." (p. 46), a verdade é que o presente volume de Abel Pena não vê na actuação deste vulto qualquer atitude filantrópica, afirmando mesmo que "Catão, o severo censor... não hesita em servir-se dos seus escravos como animais de carga." (p. 37). Não parece ter Catão qualquer desculpa num estudo cujo propósito é o de mostrar a história da indigna escravatura humana.

Em suma, conseguiram os dois volumes fazer emergir à luz da modernidade a história de algumas personagens que, fazendo parte dos alicerces fundamentais da História de Roma, se converteram em símbolos de valores, virtudes ou defeitos.

DINA ABREU

**Victor Jabouille, *César*, Colecção *Vultos da Antiguidade* (4), Mem Martins, Editorial Inquérito, 1996; João Daniel Lourenço, *Cícero*, Colecção *Vultos da Antiguidade* (9), Mem Martins, Editorial Inquérito, 1999.**

Integrados na colecção *Vultos da Antiguidade* surgem os volumes dedicados às proeminentes figuras de César e de Cícero. Estranho seria, aliás, se cada um dos nomes de tão reconhecidos estadistas não fosse contemplado por um dos volumes da referida colecção.

Se tivermos em conta que a finalidade primeira desta publicação é “dar a conhecer alguns dos vultos mais proeminentes da Antiguidade” (p. 2), não restam dúvidas de que ambos os volumes, *César* (4) e *Cícero* (9), cumprem o objectivo proposto. A forma coerente como se encontram dispostos os capítulos e subcapítulos que os compõem proporciona ao leitor uma visão unitária dos diversos feitos e facetas que integraram as vidas de cada uma das personalidades.

Deste modo, no volume dedicado a César, depois de algumas breves palavras introdutórias em que se apresenta a figura de César e se adverte para a importância do seu estudo (pp. 7-8), encontramos descritos os passos da estratégia, desde a *Juventude e primeiros anos de vida pública* (pp. 8-19), passando por períodos marcantes da sua carreira militar e decisivos para a história de Roma, como *A Guerra das Gálias* (pp. 27-40) ou a *Guerra Civil* (pp. 46-50), até ao seu violento desaparecimento, em *Os Idos de Março de 44 a. C.* (pp. 70-75).

Consideramos oportuna a inserção do segundo capítulo, *A política em Roma no início do séc. I a. C.* (pp. 10-13), uma vez que permite ao leitor inteirar-se do contexto histórico, social e político que envolvia a figura de César. Destaque-se igualmente a inclusão, no final, de um breve capítulo dedicado à *Actividade literária de César* (p. 75), já que, “a par da intervenção política e militar, César manteve sempre grande actividade intelectual.” (p. 75).

Quanto ao volume *Cícero*, depois de uma breve *Introdução* (pp. 7-8), em que se adverte para a controvérsia que ao longo dos tempos tem envolvido esta personagem, mas em que se destaca também o papel ímpar que desempenhou na história de Roma, o autor apresenta-nos *O Homem* (pp. 9-20). Neste capítulo, dá-se-nos a conhecer aspectos da vida particular do biografado, como as suas *Relações familiares* (pp. 9-15), as suas virtudes e defeitos, os traços mais marcantes do seu *Carácter* (pp. 15-17), mas também as *Amizades e inimizades* que perpassaram na sua vida (pp. 17-20).

Somente depois de familiarizados com “as características temperamentais de Cícero” (p. 21), é que nos encontraremos aptos a avançar para o capítulo seguinte e a conhecer o estadista, isto é, *O Homem de Acção* (pp. 21-36). Perceber as *Opções partidárias* de Cícero (pp. 21-24), saber como começou e que contornos assumiu a sua *Carreira política* (pp. 24-28) e tomar conhecimento dos *Correlegionários e adversários* que ao longo do seu trajecto político foi conquistando (pp. 28-36) é o que nos propõe o autor com a leitura deste capítulo.

Uma biografia de Cícero ficaria, todavia, incompleta se não se abordasse outra, mas não menos importante, faceta: *O Homem de Letras* (pp. 37-51). Da leitura deste capítulo fica-nos a certeza do seu amor pela cultura (cf. *O “amigo do saber”*, pp. 37-40) e o conhecimento da sua actividade quer como orador notável (cf. *O orador*, pp. 40-47), quer como filósofo empenhado (cf. *O filósofo*, pp. 47-51).

Quanto a este último capítulo, apraz-nos a referência à faceta de Cícero como epistológrafo, ainda que breve (resume-se a um parágrafo) e reservada para o final do subcapítulo dedicado à sua actividade filosófica. Consideramos, no entanto, que o reconhecimento das cartas que escreveu como “fonte histórica de valor inestimável” (p. 51) justificaria por si só a dedicação exclusiva de um capítulo (ou subcapítulo) à sua correspondência. Não nos esqueçamos, aliás, e recordando as palavras do próprio autor, que as cartas trocadas com familiares e amigos ao longo de mais de vinte e seis anos “representam, sobretudo, a única verdadeira chave para a compreensão do homem que foi Cícero” (p. 51).

Dado encontrarmo-nos perante biografias, decidiram os autores, recorrendo embora a uma “narrativa próxima do romance” (p. 2), apresentar de forma cronologicamente ordenada os acontecimentos que compuseram a vida dos biografados. Esta opção parece-nos lógica, não só porque serve plenamente o propósito da biografia, mas também porque, deste modo, proporciona ao público uma leitura aprazível, fluente e progressiva dos factos que compõem cada um dos capítulos.

De louvar é igualmente a opção de, em ambos os volumes, fazer anteceder o primeiro capítulo de um índice detalhado (p. 5) que, reunindo os capítulos (e respectivos subcapítulos, em *Cícero*) apresenta, de forma sucinta, a matéria a tratar. Por outro lado, as designações atribuídas a cada um dos capítulos (e subcapítulos) não só orientam a leitura, especificando o tipo de informação que o leitor poderá colher em cada um deles, como permitem ainda uma consulta mais selectiva e, por isso, mais rápida e eficaz.

Procurando “tornar cada volume uma leitura fundamentada mas não desmotivante”, optaram os autores da colecção por omitir o “acervo de notas e bibliografia das edições eruditas” (p. 2). Este critério, porém, não impediu os autores dos volumes em questão de, sempre que entenderam dever fazê-lo, aduzir explicações concisas, úteis e esclarecedoras de algumas passagens cuja interpretação, sendo óbvia para qualquer entendido na matéria, poderia oferecer dúvidas a principiantes. Estes esclarecimentos ou acrescentos de informação processam-se de formas variadas, consoante as circunstâncias. Veja-se, a título de exemplo, no volume *César*, a necessidade sentida pelo autor de dar a conhecer a palavra latina correspondente à portuguesa ‘cabeça’: *caput* (p. 74). No volume dedicado a Cícero, veja-se o caso das expressões latinas *mos maiorum* e *homo nouus* (p. 10). Se, no primeiro caso, o autor traduz à letra *mos maiorum* por “costume dos antepassados”, depois de ter informado o leitor que consistia este no “tradicional respeito pela memória dos antepassados” e na “prática antiga das virtudes romanas ancestrais”, já no segundo, somente após a tradução literal da expressão (“homem novo”) é que oferece, em novo parágrafo, a explicação do conceito: “*homo nouus* era, para um patrício, todo e qualquer cidadão que não tivesse na família um magistrado curul (um edil, um pretor, um cônsul ou um censor).”

Concordamos igualmente com o critério de actualizar, sempre que possível, os topónimos referidos, factor que muito contribui para que um leitor pouco familiarizado com a língua e cultura latinas possa situar geograficamente, de forma mais imediata, alguns dos locais por que passaram os biografados. Veja-se, por exemplo, no volume *César*, o nome latino da localidade *Dyrrachium* (Durazzo ou Durráquio), na página 51, ou, no volume *Cícero*, de *Massilia* (p. 25) e *Mutina* (p. 34), que poderiam estar assinalados em itálico, “hoje Marselha” (cf. pp. 25 e 43) e “Modena” (cf. 34), respectivamente. Apraz-nos, ainda, no que diz respeito ao volume 4, a inclusão, depois do índice, de um mapa com os nomes geográficos latinos, que permite aos leitores identificar mais facilmente os pontos que vão sendo referidos. Esta identificação poderia, no entanto, ser ainda mais imediata se o tamanho reduzido de alguns caracteres não dificultasse a sua leitura.

Se foi constante, por parte dos autores, a preocupação de esclarecer o sentido de aspectos como os que acabámos de referir a título exemplificativo, ocasiões houve em que, talvez com a intenção de instigar a curiosidade do público, omitiram informação sobre uma ou outra referência menos familiar ao comum dos leitores.

Por que motivo, por exemplo, no volume dedicado a César, não se esclarece o significado de algumas expressões latinas incorporadas no discurso, como *carmina triumphalia* (p. 10), *cursus honorum* (p. 18), *comitia centuriata* (p.19), *toga praetexta* (p. 21), entre outras? Ou, por que é que o sentido de *fasces*, palavra referida na página 55, é esclarecido somente na página 67, quando se refere pela segunda vez?

Do mesmo modo, no volume *Cícero*, quando se refere o nome de Plutarco pela primeira vez (cf. p. 10), por que não se informa o público de ser este o autor de uma biografia, em grego, de Cícero, como acaba por se fazer na página 19? Ou, por que razão não se elucida o leitor sobre quem foi Tirão, logo que se refere o seu nome na página 15, e se reserva a sua identificação para a página 18?

Por outro lado, quando se atesta a existência de uma carta em que Marco, filho de Cícero, “se manifesta arrependido dos erros do passado” (p. 14), ou de outra, da autoria de Bruto, em que se “louva a coragem e o empenhamento do jovem na causa que defendia” (p. 14), poder-se-ia talvez, ter especificado a referência bibliográfica de tais textos, como se fez, aliás, na página 33, a propósito de uma carta de Cícero a Ático (*Att.* 9.10). Em relação ao volume *César*, quando, por exemplo, na página 10, são citados alguns epítetos atribuídos a César, julgamos que não seria descabida a indicação bibliográfica, se não do passo (*Os Doze Césares*, I – “César” 49), pelo menos do autor (Suetónio). A indicação de tais pistas poderia eventualmente facilitar a potenciais interessados uma investigação mais profunda sobre o assunto.

Como prática corrente dos autores desta colecção, foram inseridos, no final do volume *César*, *Alguns textos antigos sobre César* (pp. 77-81), da autoria

de Veleio Patérculo, Suetónio e Plutarco, e, no caso do volume 9, *Textos antigos sobre Cícero* (pp. 53-55), da autoria de Cornélio Nepos, Plutarco, Valério Máximo, Petrarca e Erasmo, bem como excertos da autoria do próprio Cícero (*Textos de Cícero*, pp. 57-59), retirados de obras como *De temporibus suis*, *De oratore*, *De Republica*, *De officiis*, ou *In M. Antonium*. Estes textos corroboram afirmações feitas pelos autores sobre a vida e obra dos biografados, aduzem outras pistas de leitura e poderão ainda ter o mérito de suscitar a curiosidade do público para a leitura de obras não apenas da autoria da personalidade visada, mas também de outros autores.

Congratulamo-nos ainda com a indicação, no volume dedicado a César, das *Fontes utilizadas* (p. 83) pelo autor da biografia, e, no volume *Cícero*, de uma *Bibliografia* (pp. 61-62) no fecho da obra, como é, aliás, apanágio de quase todos os volumes que compõem a colecção. Desta constam pistas preciosas para quem pretenda ir mais além no estudo da vida e obra de Cícero, já que o autor teve o cuidado de referir as fontes antigas e modernas fundamentais para o seu conhecimento. Deste modo, é sugerida, “para uma visão de conjunto” (p. 61) ou para a compreensão da “época em que Cícero viveu” (p. 62), a consulta de estudos modernos da autoria de nomes conceituados, como são os de Pauly-Wissowa, G. Boissier, P. Grimal, C.-Michel Nicolet, A. Rostagni e de R. Syme. Gostaríamos, contudo, que a indicação destes estudos, que não deixamos, aliás, de entender como contributos de valor inestimável para o conhecimento da entidade biografada, fossem acompanhados de outros de publicação mais recente.

Refira-se, todavia, que este e outros aspectos apontados não ensombram a qualidade e o préstimo destes livros. A fluência com que são contados os factos, a preferência por uma “narrativa próxima do romance” (p. 2) e o toque humorístico de algumas histórias (cf., por exemplo, no volume *Cícero*, pp. 19-20) não retiram seriedade ou rigor científico aos trabalhos em questão. É, aliás, notório e esforço por parte dos seus autores em corroborar, sempre que possível e necessário, de forma mais ou menos directa, as suas afirmações com o recurso a testemunhos de fontes antigas ou de estudos modernos que sobre o assunto se têm publicado.

No que diz respeito ao aspecto gráfico de ambos os volumes, consideramos que foi bastante bem conseguido. O tipo de letra escolhido quer para os títulos (da colecção, na capa e na contracapa, e do livro, na capa), quer para os excertos apresentados na contracapa de cada um deles, fazendo lembrar inscrições romanas, sugere a sua leitura e, ao mesmo tempo, consegue transportar o leitor no tempo.

Em termos gráficos há ainda a assinalar, no volume *César*, a gralha presente na palavra *senatusconsultum* (cf. *senastusconsultum*, na página 73), que, numa posterior edição, deverá ser corrigida.

A título de conclusão, apraz-nos, pois, reconhecer a utilidade de ambas as obras, o seu rigor científico e aconselhar a sua leitura quer ao estudioso mais versado no assunto, quer ao leigo que pretenda dar os primeiros passos no estudo

apaixonante da vida e obra de César e/ou de Cícero. Resta-nos, assim, aplaudir e agradecer aos respectivos autores terem-nos proporcionado tão valiosos e prestimosos instrumentos de trabalho.

EMÍLIA OLIVEIRA

**Maria Cristina Pimentel, *Séneca, Coleção Vultos da Antiguidade (10)*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2000.**

Filósofo estoíco, homem de letras e de estado, é Séneca um dos nomes mais proeminentes da Antiguidade Clássica. Pela sua proximidade com Nero, de quem foi preceptor, amigo e conselheiro, a sua biografia merece também a nossa especial atenção.

Do volume que temos entre mãos, são vários os aspectos que consideramos dignos de destaque. O primeiro prende-se, como é tónica dominante na colecção, com a constante referência a fontes histórico-literárias antigas, das quais se evidenciam Dión Cássio, algo desfavorável a Séneca, e Tácito. Informações complementares podem encontrar-se ainda num sem-número de outros autores antigos, contemporâneos ou não de Séneca, e cuja referência vem explícita na Bibliografia final, da qual constam não só fontes antigas, mas também estudos recentes, bem como traduções em português de algumas das obras do filósofo.

Louvável, também, é a inclusão de escritos do próprio Séneca, quer ao longo do volume, quer num capítulo final, imediatamente antes da *Bibliografia*, assumindo alguns deles particular relevância para o conhecimento da sua vida.

Todo este livro, aliás, se encontra repleto de expressões latinas que, incluídas no corpo do texto, dão livre voz aos pensamentos da autora. Lamentamos, somente, que alguns termos ou expressões não sejam traduzidos, nem tão pouco explicados, o que poderá provocar, a um leitor menos familiarizado com a língua e civilização latinas, uma dificuldade acrescida de compreensão do texto.

Muito mais que um filósofo e um homem de estado, é-nos apresentado alguém, cuja vida, como a de todos os mortais, tantas vezes foi marcada por momentos de fraqueza e incoerência, que lhe valeram críticas e acusações de contradições entre o estoicismo que defendia e a sua conduta.

Na verdade, é o próprio Séneca quem nos abre as portas ao conhecimento dessa corrente filosófica, imprescindível para o entendimento da sua forma de ser e estar na vida, bem como de alguns dos seus actos, mesmo aqueles que aos olhos da crítica, são considerados contraditórios e inaceitáveis.

Ao longo das suas obras, de onde são constantemente referidos excertos, são-nos fornecidas autênticas lições, corroboradas pelo seu exemplo, pela imagem da sua própria vida, o mais belo bem que possui e que deixa como